

A GESTÃO ESCOLAR E O ACOMPANHAMENTO DA AVALIAÇÃO: ALGUMAS POSSIBILIDADES

Cristiane Regina Dourado Vasconcelos¹

RESUMO

Este artigo decorre de uma pesquisa bibliográfica sobre trabalhos relacionados à gestão escolar e avaliação, cujo objetivo foi investigar formas de acompanhamento da avaliação da aprendizagem pela gestão escolar. Como resultados são apresentados alguns suportes teóricos que trazem reflexões sobre a avaliação, como instrumentalização a favor da aprendizagem, destacando, ainda, possíveis procedimentos que podem favorecer a aprendizagem dos alunos, a serem adotados por gestores escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação. Gestão Escolar. Aprendizagem. Procedimentos.

SCHOOL MANAGEMENT AND MONITORING EVALUATION: SOME POSSIBILITIES

ABSTRACT

This article is based on a bibliographical research on work related to school management and evaluation, whose objective was to investigate ways of monitoring the assessment of learning by school management. As results are presented some theoretical supports that bring reflections about the evaluation, as instrumentalization in favor of learning, highlighting, also, possible procedures that can favor student learning, to be adopted by school administrators.

KEY WORDS: Evaluation. School management. Learning. Procedures.

1 INTRODUÇÃO

A terminologia “Avaliação da Aprendizagem” foi criada pelo educador estadunidense Ralph Tyler² no século XX. Desde então, apesar de vários

¹ Mestra em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação, pela Universidade do Estado da Bahia/UNEB. Integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Gestão Educacional e Formação de Gestores – NUGEF, da UNEB. Diretora de Unidade de Ensino do município de Salvador/BA. Universidade do Estado da Bahia/Núcleo de Gestão Educacional e Formação de Gestores – NUGEF. E-mail: dourado.cris@gmail.com

² Ralph Tyler foi um educador que se dedicou aos estudos sobre a avaliação e defendeu a existência de outras maneiras, além do papel e do lápis, de se constatar a aprendizagem. Os pesquisadores estadunidenses da área definem o intervalo de 1930 a 1945, como o período “Tyleriano” da avaliação da aprendizagem.

professores descreverem que a avaliação poderia auxiliar de maneira eficaz e eficiente como vivenciar a relação ensino/aprendizagem e a construção coletiva do conhecimento, a prática permaneceu baseada apenas em provas e exames (SANTOS et al., 2010).

Apesar de o modelo de avaliação idealizado por Tyler ter foco nos objetivos, esse educador defendia a inclusão de uma variedade de procedimentos avaliativos, como defendemos hoje.

O ato de avaliar perpassa e orienta todas as experiências vivenciadas pelos grupos sociais. De forma geral, a avaliação está presente em todos os domínios acadêmicos e em todas as áreas da atividade humana. As atividades avaliativas nas relações sociais remontam a períodos históricos antigos, quando eram usadas como medida para adequar o indivíduo ao trabalho e ao exercício de diferentes papéis. No contexto educacional, essa atividade vem se estabelecendo como ferramenta de aprovação/reprovação (SANTOS et al., 2010; FERNANDES, 2013).

Pensar a avaliação no sentido democrático requer utilizá-la como instrumentação para refazer a rota de inclusão do aluno, garantindo-lhe o direito ao desempenho qualitativo considerado satisfatório. Repensar os princípios da avaliação, que regem uma instituição educacional, pode ser um primeiro passo para transformá-la. Nesse sentido, compreendemos que é importante discuti-la em todo seu conjunto: valores, organização curricular, preceitos metodológicos, visão política e comunitária (DEMO, 1999; HOFFMANN, 2002).

Seguindo a linha de pensamento de Hoffmann,

[...] uma reflexão conjunta sobre princípios que fundamentam a avaliação na escola favorece a convivência com diferentes perspectivas individuais, ampliando a compreensão coletiva sobre as dimensões do ser escola, do ser educador e do ser educando (HOFFMANN, 2002, p. 12).

Essa reflexão pode ser um diferencial diante de todas as mudanças que acontecem em nossa sociedade e desperta para a necessidade de atualização e adaptação de posturas e formas de educar, de modo que os estudantes apresentem linguagens próprias e despertem para o uso das tecnologias mais rapidamente. Para Hoffmann, na contemporaneidade,

[...] não é mais o aluno que deve estar preparado para a escola, mas professores e escolas é que devem preparar-se para ajustar propostas pedagógicas favorecedoras de sua aprendizagem, sejam quais forem seus ritmos, interesses e/ou singularidades. (Hoffmann, 2002, p.22)

A avaliação da aprendizagem pressupõe uma relação entre as duas ações essenciais ao sucesso da escola: diagnóstico do processo e ajuste da aprendizagem. A função de avaliar, diferentemente da de gerar um resultado que venha punir ou premiar, deve ser a de investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessária. Nesse sentido, importam boas ações baseadas em conceitos adequados (DOURADO, 2002; NOVAES; CARNEIRO, 2012; LUCKESI, 2005). É necessário que a interação professor/aluno seja estabelecida de forma que as dificuldades dos alunos sejam superadas.

Esse processo é fundamental para o crescimento do aluno e do professor, uma vez que, através do diagnóstico, o docente saberá até que ponto seu orientando compreendeu e processou a informação, podendo dar a ele suporte para a continuidade de um bom trabalho (LUCKESI, 2002). Daí a importância e a necessidade do caráter diagnóstico da avaliação, pois a prática da avaliação classificatória e excludente pode causar sérios estragos no processo de aprendizagem dos alunos, o que pode ser constatado nos elevados números de reprovação e evasão que estão aliados ao baixo nível da qualidade de educação (VASCONCELLOS, 2000).

Para Demo (2008), é uma tendência humana olhar a realidade com uma perspectiva quantitativa, pois esta é mais fácil de ser entendida e manipulada. Para Luckesi (2002), a avaliação, para ser constitutivamente *avaliação*, só pode ser qualitativa.

Vale ressaltar a singularidade da dimensão formativa da avaliação, cuja finalidade é direcionada a diagnosticar e estimular o avanço do conhecimento dos alunos. Os resultados das avaliações cumprem o objetivo de servir à orientação da aprendizagem, atendendo uma finalidade eminentemente educacional, rompendo com a falsa dicotomia ensino-avaliação (SOUSA, 2007). Desse modo, os resultados das avaliações podem se constituir em instrumentos imprescindíveis para que gestores escolares e professores busquem analisar e

compreender os avanços ou insucessos de seus alunos, identificar e entender suas práticas e proceder às intervenções necessárias para a melhoria da educação e da aprendizagem dos alunos.

A avaliação formativa gera informações que permitem identificar e explicar erros, além de sugerir interpretações quanto às estratégias e atitudes dos alunos. Portanto, a avaliação formativa alimenta diretamente a ação pedagógica (PERRENOUD, 1999).

Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, na perspectiva de reorientá-la para alcançar o melhor resultado possível – ou seja, trata-se de um processo contínuo de orientação e reorientação da aprendizagem. Nesse sentido, a avaliação não deve ser classificatória nem seletiva, mas sim diagnóstica e inclusiva. Diagnosticar a aprendizagem é um ato de quem faz parceria com o educando, auxiliando-o a construir seu caminho, sua aprendizagem (LUCKESI, 2002).

Nessa perspectiva,

[...] a avaliação não é um fim em si mesmo, mas um instrumento que deve ser utilizado para corrigir rumos e pensar o futuro. É crucial assegurar que, juntamente com as informações que a avaliação fornece, sejam criados e utilizados instrumentos que contribuam substancialmente para a solução dos sérios problemas sociais que afetam a população em idade escolar. (BECKER, 2010, p.3)

Dessa maneira, pode-se inferir que o uso da avaliação pontual não contribui em nada para o crescimento do aluno, sendo necessário que os educadores incorporem em sua prática o conceito diagnóstico da avaliação que, diferentemente de punir ou premiar os alunos, tem a finalidade de criar perspectivas de intervenção.

2 ESTABELECENDO UMA CONEXÃO ENTRE AS PRÁTICAS ESCOLARES E A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Pensar a escola leva necessariamente a pensar a avaliação. O processo de avaliação frequentemente canaliza as atenções de alunos, professores e demais profissionais da escola e até mesmo dos responsáveis pelos estudantes, influenciando a organização das práticas escolares (ESTEBAN, 2008). Na prática, conforme entende Hoffmann (2002), a avaliação pode ser pensada com

a finalidade de promover a evolução da aprendizagem dos educandos e a qualidade do trabalho educativo.

Segundo as concepções de Freire (2014), o ato de *ensinar* exige:

Respeito aos saberes do educando (p.31). É necessário que os conhecimentos prévios dos alunos sejam aproveitados e valorizados, da mesma maneira que é muito importante respeitar o tempo de cada indivíduo, pois ninguém aprende da mesma forma e no mesmo tempo.

Risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação (p.36). O professor deve estar aberto às mudanças e aceitar novas metodologias, adaptando-se à novas formas de ensinar, respeitando as diversidades apresentadas nos processos de ensinar e aprender.

Reflexão crítica sobre a prática (p.39). Cabe ao professor se auto avaliar. Não apenas o aluno deve ser avaliado; o professor também deve lançar olhar crítico e reflexivo sobre sua prática.

A convicção de que a mudança é possível (p.74). No contexto de grandes transformações em nossa sociedade, as práticas precisam ser adaptadas. Dessa forma, tanto as escolas quanto os professores precisam estar abertos às mudanças.

Compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo (p.96). Para intervir o sujeito precisa ser crítico, sendo imprescindível que a educação seja instrumentalizada para aguçar a criticidade do aluno, de forma que ele seja capaz de intervir na sociedade em que vive.

Disponibilidade para o diálogo (p.132). É impossível conceber educação sem diálogo. O diálogo favorece a escuta do outro, o respeito ao posicionamento individual e coletivo e as diferenças.

Nesse sentido, “ensinar não é transferir conhecimento” (FREIRE, 2014, p.47). As interações entre educadores e alunos, no chão da escola, devem possibilitar não só a seleção de variados instrumentos de avaliação, como também de recursos didáticos mais adequados para superar as dificuldades dos educandos e corrigir as eventuais lacunas de aprendizagem encontradas (FONTANIVE, 2013). Dessa forma, certamente a construção do conhecimento se dará de forma mais significativa.

Vale ressaltar que a prática avaliadora docente tem relevância, não

somente para o adequado desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem em seu conjunto, mas também para a aprendizagem do aluno e para sua promoção pessoal (ARREDONDO; DIAGO; 2009). Nesse sentido, pode-se inferir que a concepção e a prática da avaliação são tão importantes quanto a concepção de ensino para favorecer uma melhor aprendizagem aos alunos.

Para transformar a escola – lugar em que ocorre a gestão educacional de um trabalho coletivo – em espaço de construção do conhecimento, talvez seja necessária uma reflexão conjunta de professores, alunos e comunidade. A partir disso, podem ser desencadeados processos de mudanças muito mais amplos do que a simples modificação das práticas de ensino (HOFFMANN, 2002). Nessa perspectiva, cabe ao professor refletir sobre sua prática e estar aberto às mudanças. Acredito que cabe à escola promover a diversidade de atividades que favoreçam as práticas pedagógicas e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos.

Pode-se inferir que a avaliação, no âmbito das escolas, seja preferencialmente praticada com a finalidade de conhecer para intervir, de modo preventivo, contribuindo para o desenvolvimento global do aluno. Trata-se de um processo contínuo e permanente de análise das variáveis que interferem no processo de ensino e de aprendizagem, com o objetivo de identificar potencialidades e necessidades educacionais dos alunos. O quadro 2 apresenta elementos das práticas avaliativas tradicionais e as transformações que podem ser necessárias para que, de fato, a avaliação seja uma prática a favor do crescimento e desenvolvimento do aluno.

Os ambientes educativos apresentam uma “diversidade de avaliadores e avaliados e suas respectivas especificidades, diferenças e subjetividades, com fortes significados para a avaliação, o que torna esse processo mais complexo” (GRILLO; LIMA, 2010). Nesse sentido, é importante que os educadores busquem respeitar as individualidades de cada estudante, confiando na capacidade de cada um, contribuindo para a interação e socialização da turma.

Para que a aprendizagem seja significativa, o acompanhamento permanente de mediação e intervenção pedagógica, pautado numa visão dialógica de negociação e referenciado em valores, é requisito primordial

(GRILLO; LIMA, 2010). Assim, à gestão escolar compete acompanhar os processos pedagógicos e lançar um olhar especial para as concepções de avaliação adotadas na escola, garantindo que esta seja democrática e favoreça a aprendizagem do aluno.

Quadro 1 - Uma visão das práticas de avaliação tradicionais e a visão de práticas transformadoras

CRITÉRIOS	PRÁTICAS AVALIATIVAS TRADICIONAIS	PRÁTICAS AVALIATIVAS FAVORÁVEIS AO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO ALUNO
Objetivo	Classificação, seleção.	A aprendizagem, formação e promoção da cidadania.
Atitudes	Reprodutora, alienadora, normativa.	Mobilização em direção à busca de sentido e significado da ação.
Intencionalidade	Prognóstica, somativa.	Acompanhamento permanente de mediação e intervenção pedagógica, a favor da aprendizagem.
Visão	Centrada no professor e em medidas padronizadas de disciplinas fragmentadas.	Dialógica, de negociação, referenciada em valores, objetivos e discussão interdisciplinar.
Fatores Mobilizadores	Organização homogeneizada, classificação e competição.	Respeito às individualidades, confiança na capacidade de todos, na interação e na socialização.

Fonte: Elaboração própria, inspirada em Hoffman (2002)

Analisando o quadro 1, é possível inferir que as práticas avaliativas devem ser pautadas em ações pensadas com a finalidade de promover a aprendizagem e a formação plena dos alunos.

Para que tal objetivo seja alcançado, é importante que o professor preveja ações que reorientem a prática educativa, estando aberto ao replanejamento e até mesmo à modificação de sua prática, quando necessário, partindo do pressuposto de que o planejamento é flexível e deve ser adequado às diversas necessidades e particularidades dos alunos. Por outro lado, da mesma forma que é complexo para o professor adaptar-se às peculiaridades de cada turma e alunos, para estes últimos também é difícil e complexa a adaptação aos diferentes modos de ensinar, intervir e avaliar, peculiar a cada professor.

A avaliação fornece informações importantes que podem ter um forte impacto, tanto para o professor quanto para o aluno. Por meio dos resultados da avaliação, o aluno pode perceber o estágio em que se encontra sua aprendizagem, os conhecimentos já solidificados e o que ainda precisa estudar. Já para o professor, as informações são úteis à medida que permitem a reflexão sobre a sua prática e os procedimentos de ensino utilizados e orientam a tomada de decisões para o aprimoramento das suas ações (GRILLO; LIMA, 2010).

O aluno tende a se adequar à forma como o professor avalia e, dessa maneira, existem dois caminhos: ou ele buscará apropriar-se dos conteúdos abordados em sala de aula, adotando uma postura participativa, ou simplesmente corresponderá à expectativa de mero respondente de provas, numa dinâmica reprodutora de questões engessadas.

Cabe aqui ressaltar a importância da avaliação diagnóstica e processual, que garante a valorização do processo de aprendizagem, uma vez que o diagnóstico possibilita a tomada de consciência do nível em que se encontra a aprendizagem do aluno e daquilo que se pode fazer para chegar ao pretendido. Isso reforça o fato de que as intervenções mediadoras do professor são indispensáveis para a melhoria do desempenho dos alunos.

Professor e aluno são protagonistas do processo avaliativo, e cada um deles desempenha papel fundamental para que o êxito na aprendizagem seja alcançado.

O professor aprende com as aprendizagens dos alunos: a forma como eles compreendem ou não as explicações, a lógica dos seus acertos ou erros, o que não ficou claro e o que é preciso melhorar ou reformular; os alunos aprendem com os resultados da avaliação: compreendendo seus erros, buscando acertos, assumindo-se como protagonistas da sua aprendizagem. (GRILLO; LIMA, 2010, p.20)

A avaliação de processo fornece ao aluno, e ao mesmo tempo ao professor, evidências de aprendizagem, proporcionando perceber as lacunas e o que precisa ser feito para melhorá-la. Essas evidências repercutem ainda sobre as condições de ensino, quando possibilitam analisar se os procedimentos desenvolvidos pelo professor estão adaptados aos objetivos, aos conteúdos e aos alunos. A avaliação de processo também permite identificar fragilidades no aprendizado de conteúdos necessários à realização de novas aprendizagens,

possibilitando a reflexão sobre possíveis causas e sugerindo ainda novas fontes de obtenção de dados para a avaliação. Ao conjugarem atividades diversificadas, os professores têm condições de realizar uma avaliação mais ampla e abrangente (LIMA; GRILLO, 2010).

Para que o processo avaliativo alcance êxito, pode-se tomar a avaliação formativa como ponto de partida, de forma que seja uma prática contínua nos processos de ensinar e aprender. A avaliação formativa sugere que o foco seja o processo e não apenas os produtos. Isso se configura em uma orientação permanente da aprendizagem, tanto para o professor quanto para o aluno – ambos assumem compromissos recíprocos, transcendendo a lógica da avaliação classificatória e reforçando a importância da avaliação diagnóstica, processual e formativa (GRILLO; FREITAS, 2010).

Sob essa perspectiva, o trabalho pedagógico não é exclusividade do professor, mas passa a ser partilhado com o aluno, que aos poucos vai consolidando a autoconfiança, ao se perceber capaz de tomar decisões sobre a aprendizagem da qual ele é o autor. Dessa forma, a avaliação formativa evolui para a auto avaliação, à medida que o aluno pode reelaborar suas ideias, levando em conta que o conhecimento não se dá por acumulação e sim por reconstrução dos saberes adquiridos. Isso pressupõe uma relação baseada na reciprocidade e na partilha, que se configura numa avaliação processual, pois não se realiza em um só momento (GRILLO; FREITAS, 2010).

3 POSSÍVEIS FORMAS DE AVALIAR

Saindo da zona de conforto e da prática tradicional de avaliar através de exames (provas ou testes), o professor pode adotar novos procedimentos e possibilitar aos alunos o acesso a atividades diferenciadas que, de fato, favoreçam a participação e o desenvolvimento dos educandos, proporcionando o acesso a novas maneiras de aprender.

O quadro 2 apresenta “procedimentos rotineiros, mas interessantes”, numa perspectiva de avaliação formativa, capazes de proporcionar ao professor meios para identificar modificações no desempenho do aluno nos aspectos cognitivos, procedimentais e atitudinais (LIMA; GRILLO; HARRES, 2010).

Quadro 2 - Interessantes procedimentos de avaliação

PROCEDIMENTOS	BENEFÍCIOS
Produção escrita	A inclusão da produção escrita na rotina de aula favorece a organização das ideias dos alunos em distintos momentos do processo de aprendizagem e fortalece os argumentos por eles construídos, num movimento que fomenta a apropriação dos conhecimentos.
Exposição oral	É reconhecidamente uma competência indispensável para que o sujeito participe de forma plena da vida social.
Portfólio	Possibilita ao aluno expressar as aprendizagens realizadas durante um determinado período.
Diário de aula	Permite a expressão das aprendizagens realizadas pelos alunos ao longo de um período. Esse procedimento contribui para desenvolver no aluno a capacidade de autoavaliação, na perspectiva formativa.
Trabalhos coletivos	Contribuem para a formação do estudante, por permitirem a ele vivenciar situações de trabalho em equipe, aprender a partilhar tarefas e negociar consensos, desenvolvendo, ainda, o senso de comprometimento e responsabilidade. A avaliação desse tipo de atividade requer o estabelecimento prévio de critérios, sendo de fundamental importância que os alunos estejam suficientemente esclarecidos sobre suas atribuições na atividade.
Cantinho da leitura	É um espaço criado dentro da sala de aula, utilizado para despertar nos alunos a prática da leitura. É muito interessante, pois permite aos alunos o acesso às leituras diversas do conhecimento humano. Com esse privilégio, além dos livros já disponíveis na biblioteca da escola, os alunos poderão aproveitar, a qualquer momento em que surgir a oportunidade, um bom momento de leitura.
Atividades lúdicas	A utilização de atividades que envolvam a ludicidade, a exemplo de: jogo da forca, desenhos, figurinhas, caça palavras, jogo da trilha, entre outros, podem favorecer a aprendizagem, pois podem despertar o interesse dos alunos em participar das atividades, pela relação que tem com a brincadeira.

Fonte: Elaboração própria, inspirada em Lima, Grillo e Harres (2010) e material do PNAIC

Essas alternativas podem permitir evidenciar a aprendizagem de conteúdos pelo aluno, além de compreender a sua trajetória na construção do conhecimento e orientá-lo nessa caminhada. Vale reforçar que tanto o professor quanto os alunos precisam ter claros os critérios de avaliação (LIMA; GRILLO; HARRES, 2010). A utilização de atividades diversificadas favorece a dinâmica da sala de aula, de forma a tornar as aulas mais interessantes.

4 A GESTÃO ESCOLAR E A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A busca incansável pela tão desejada qualidade da educação brasileira pode ser considerada como um dos elementos que motivam a implementação de políticas públicas educacionais. Nesse sentido, gestão democrática, obrigatoriedade e qualidade do ensino são aspectos centrais da ação do Estado na educação básica brasileira (WERLE, 2011).

A gestão escolar, por exemplo, passa a representar um importante papel, pois pode favorecer a criação de procedimentos e acompanhamentos que tenham como consequência melhores resultados escolares. Os procedimentos de gestão, nesse caso, podem induzir mudanças nas rotinas e favorecer a transformação da cultura organizacional (CUNHA, 2012).

Pode-se considerar que “as políticas públicas voltadas para a democratização da gestão escolar são vistas como instrumentos que elevam o desempenho escolar e a tão esperada melhoria da qualidade de ensino” (MUTIM; FREITAS, 2001).

No que se refere às políticas de avaliação, a gestão das escolas também passa a exercer um papel relevante no que se refere ao acompanhamento dessas políticas, nas ações desenvolvidas nas escolas sobre a avaliação da aprendizagem, monitoramento dos resultados e tomada de decisões a partir deles.

A avaliação da educação básica tem sido tema central, tanto no que se refere à definição de políticas públicas e às tendências na construção científica de seus processos e resultados quanto a suas implicações com a gestão escolar e no trabalho dos profissionais da escola. Uma escola de qualidade é caracterizada por vários fatores que podem ser evidenciados para além dos resultados apresentados em testes padronizados (COELHO, 2008; CARDELLI, ELLIOT, 2012).

Algumas pesquisas evidenciam que existe influência da gestão escolar nos desempenhos escolares, sendo possível confirmar a relação existente entre as variáveis de gestão e as práticas avaliativas ocorridas na escola. Tais pesquisas confirmam também que há forte influência da forma de gerir e dos

aspectos organizacionais na definição do clima escolar, bem como no bom desempenho dos alunos. Pode-se afirmar que existe uma relação positiva entre a forma como ocorre o processo de gestão nos âmbitos administrativo, financeiro e pedagógico das escolas e o desempenho escolar (LIMA, 2011; CUNHA, 2012; MESQUITA, 2009; MUTIM; FREITAS, 2001).

A partir da divulgação de informações produzidas pelos sistemas de avaliações externas, a exemplo do Sistema de Avaliação da Educação Básica, os problemas da educação básica no Brasil, no que se refere aos altos índices de reprovação e evasão escolar, tornaram-se mais evidentes. Isso porque os resultados insatisfatórios passaram a alimentar polêmicas em diferentes espaços, sobretudo na mídia, acerca das políticas públicas e da gestão educacional. Essa situação assume contornos diferentes quando compreendemos como a avaliação se inseriu historicamente na gestão do sistema educacional brasileiro. A avaliação se firma cada vez mais como elemento da regulação e da administração gerencial e competitiva (COELHO, 2008; CARDELLI, ELLIOT, 2012

Neste cenário, a gestão escolar pode implementar procedimentos que podem ser interessantes, tanto para a aprendizagem dos alunos quanto para o processo de avaliação, além de instrumentalizar os professores e gestores para o acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos. Tais procedimentos são sinalizados no quadro 3.

Quadro 3 - Procedimentos promovidos pela Gestão Escolar que podem contribuir no processo de avaliação da aprendizagem

PROCEDIMENTOS	BENEFÍCIOS
Institucionalizar projetos de leitura e escrita	A institucionalização de projetos de leitura e escrita no planejamento anual de todas as turmas, com a definição de critérios de intervenção do professor e avaliação, pode favorecer o incentivo à leitura e escrita de todos os alunos e evidenciar aprendizagens que garantam a formação de leitores e escritores.
Culminâncias de projetos ou atividades que explorem a exposição oral	Atividades desse tipo não apenas possibilitam a exploração da oralidade dos alunos, mas também incentivam a participação e a criatividade. São muito importantes também para o aprimoramento da leitura e escrita, à medida que os alunos se envolvem com a escolha de roteiros, apresentações, escrita de materiais para exposição etc.
Produção de Boletins	Essa atividade favorece o desenvolvimento da leitura e da escrita. O aluno fica entusiasmado ao participar da escrita de matérias para esse tipo de

Informativos ou Jornal da Escola	produção, além de ter a curiosidade de ler ou pedir para que alguém veja o material, principalmente se tiver alguma matéria que divulgue alguma atividade da qual participou.
Acompanhamento pedagógico	Promover acompanhamento pedagógico com atividades diversificadas e com foco nas habilidades em que os alunos apresentem dificuldade de aprendizagem é, sem dúvida, uma necessidade das escolas. Essas atividades devem ser realizadas com pequenos grupos e em espaços apropriados.
Conselho de classe	Promover o conselho de classe com foco na avaliação das práticas docentes e análise das atividades dos alunos, utilizando os resultados das avaliações para proceder às intervenções necessárias.

Fonte: Elaboração própria.

CONCLUSÕES

As leituras e análises de algumas pesquisas e trabalhos relacionados à gestão escolar e avaliação permitiram evidenciar que existe a preocupação de pesquisadores e estudiosos quanto à condução do processo de avaliação da aprendizagem, de forma que esta seja um instrumento de análise, com foco no diagnóstico, a fim de que professores e gestores utilizem seus resultados para intervenção e mediação da aprendizagem dos alunos.

A avaliação não pode e não deve ser vista apenas como um número, mas sim dentro de um contexto muito mais amplo, que retrate não apenas quantitativamente, mas também qualitativamente a educação. Para isso, deve-se lançar mão de outras formas de avaliação, tendo o cuidado de não pecar nem pela falta, nem pelo excesso, sobrecarregando as escolas de avaliações que, muitas vezes, podem se sobrepor umas às outras.

Além disso, os estudos apontam para a importância do envolvimento da gestão escolar, no processo da avaliação da aprendizagem, no acompanhamento e monitoramento dos resultados. Os procedimentos avaliativos podem favorecer aos gestores escolares, acompanharem o desempenho de seus alunos e buscarem identificar as dificuldades que eles apresentam, para traçar ações interventivas.

Também é possível, através dos resultados das avaliações, que tanto professores, quanto gestores busquem avaliar os seus trabalhos e as atividades desenvolvidas nas escolas.

Neste estudo foram apresentados alguns suportes teóricos que trazem

importantes reflexões sobre a avaliação diagnóstica, processual e formativa, como instrumentalização a favor da aprendizagem, destacando, ainda, possíveis procedimentos que podem favorecer a aprendizagem dos alunos, a serem adotados não somente por professores, mas também por gestores escolares.

REFERÊNCIAS

ARREDONDO, Santiago Castilho; DIAGO, Jesus Cabrerizo. A avaliação na educação. In: **Avaliação educacional e promoção escolar**. Curitiba: IBPEX; São Paulo: Unesp, 2009.

BECKER, F. da R. Avaliação educacional em larga escala: a experiência brasileira. *Revista Ibero-americana de Educação [S.l.]*, n. 53/1, 25 jun. 2010.

CARDELLI, Douglas Teixeira; ELLIOT, Ligia Gomes. **Avaliação por diferentes olhares**: fatores que explicam o sucesso de escola carioca em área de risco. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.20, n.77, p. 769-797, out./dez. 2012.

COELHO, Maria Inês de Matos. Vinte anos de avaliação da educação básica no Brasil: aprendizagens e desafios. **Ensaio**: aval. pol. públ. educ, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 229- 258, abr./jun. 2008.

CUNHA, Eudes Oliveira. **A gestão escolar e sua relação com os resultados do IDEB: um estudo em duas escolas municipais de Salvador**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2012.

DEMO. Pedro. **Avaliação qualitativa**: polêmicas do nosso tempo. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

DEMO. Pedro. **Conhecimento Moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1999.

DOURADO, Maria Helena de Magalhães. Avaliar a aprendizagem em larga escala: um grande desafio. **Revista Gestão em Ação**. UFBA, 2002.

ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2008.

FERNANDES, Domingos. Avaliação em Educação: uma discussão de algumas questões críticas e desafios a enfrentar nos próximos anos. **Revista Ensaio**: aval. pol. públ. Educ, Rio de Janeiro, v.21, n.78, p.11-34, jan./mar. 2013.

FONTANIVE, Nilma Santos. A Divulgação dos Resultados das Avaliações dos Sistemas Escolares: limitações e perspectivas. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.21, n.78, p.83-100, jan./mar. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GRILLO, Marlene Correro; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Autoavaliação: por que e como realizá-la? In: GRILLO, Marlene Correro; GESSINGER, Rosana Maria (Orgs.). **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

GRILLO, Marlene Correro; LIMA, Valderez Marina do Rosário. Especificidades da avaliação que convém conhecer. In: GRILLO, Marlene Correro; GESSINGER, Rosana Maria (Orgs.). **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LIMA, Erisevelton Silva Lima. **O diretor e as avaliações praticadas na escola.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

LIMA, Valderez Marina do Rosário; GRILLO, Marlene Correro. Questões sobre avaliação da aprendizagem: a voz dos professores. In: GRILLO, Marlene Correro; GESSINGER, Rosana Maria (Orgs.). **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

LIMA, Valderez Marina do Rosário; GRILLO, Marlene Correro; HARRES, João Batista Siqueira. Diferentes formas de expressão da aprendizagem. In: GRILLO, Marlene Correro; GESSINGER, Rosana Maria (Orgs.). **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos Revista Científica.** vol. 4, São Paulo, p.79-88, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Maneiras de avaliar a aprendizagem.** Pátio. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESY, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem... mais uma vez. **Revista ABC EDUCATIO,** nº 46, p.28-29, 2005.

MESQUITA, Silvana Soares de Araujo. **Fatores intraescolares e desempenho escolar: o que faz a diferença?** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

MUTIM, Avelar Luiz Bastos; FREITAS, Katia Siqueira de. **Relação Entre a Gestão Participativa e o Desempenho Escolar.** Revista **Ensaio:** aval. pol. públ. Educ, Rio de Janeiro, v.9, n.33, p. 489-508, out./dez. 2001.

NOVAES, Ivan Luiz; CARNEIRO, Breno Pádua Brandão. In: NOVAES, Ivan Luiz; HETKOWSKI, Tânia Maria (Org.). **Gestão, Tecnologias e Educação:** construindo redes sociais. Salvador: Eduneb, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PACTO NACIONAL pela Alfabetização na Idade Certa. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 10 mar. 2016

SANTOS, Silvio Carlos dos; PERIPOLLI, Arlei; OLIVEIRA, Marilu Palma de; FREITAS, Soraia Napoleão. Avaliação no mundo hodierno: um intervir sobre a produção do conhecimento. **Revista Ibero-americana de Educação**. n.º 53/1, 2010.

SOUSA, Sandra Zákia. Avaliação, ciclos e qualidade do Ensino Fundamental: uma relação a ser construída. **Estudos avançados**. Vol. 21, nº 60. São Paulo, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELOS, Cristiane Regina Dourado. **A Criação de um Portal para partilhar experiências da Gestão da Escola Municipal Cidade Vitória da Conquista**, Salvador/Ba, com a Avaliação da Aprendizagem. Dissertação de mestrado. GESTEC/UNEB, 2016. Disponível em: <http://www.uneb.br/gestec/files/2016/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o-CristianeDourado.pdf> . Acesso em: 10 mar. 2016.